

ANCESTRALIDADE INDÍGENA E HERANÇA CULTURAL – UMA EXPERIÊNCIA PIBIDIANA EM SALA DE AULA

Ana Helena Raminelli dos Santos¹
Elisabete Maria Garbin²

Nos meses de abril/maio de 2023, como bolsista³ do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Núcleo Pedagogia, na Unidade de Ensino Fundamental Dinah Neri Pereira, Escola de Aplicação do Centro Estadual de Formação de Professores General Flores da Cunha, pensando no desenvolvimento de cidadãos conscientes e na construção de uma identidade brasileira que valorize e respeite a diversidade étnica e cultural, foram realizadas oficinas sobre os povos originários junto à duas turmas de 4º ano, sob o tema Diversidades Étnicas Indígenas, incluindo conhecimentos básicos referentes aos povos originários do Rio Grande do Sul. Inspirada no Parecer CNE/CEB nº 14/2015, sobre Diretrizes Operacionais para a implementação da história e das culturas dos povos indígenas na Educação Básica, o objetivo principal das oficinas foi conscientizar as crianças sobre as contribuições dos povos indígenas para a cultura e tradições gaúchas e brasileiras. O desenvolvimento das atividades deu-se através da confecção – em razão da discussão referente à ancestralidade indígena, à mudança do nome da data 19 de abril de "Dia do Índio" para "Dia dos Povos Originários" – de um brinquedo de origem indígena da etnia *Xokleng*⁴: o *Kaving*, de nome popular Peteca. As atividades foram realizadas no espaço da sala de leitura da escola, mediadas através de conversas com os alunos sobre ancestralidade, costumes gaúchos e brasileiros, especificamente aqueles herdados pelos povos indígenas, para em seguida mediar a conversa para a herança cultural do jogo com Peteca, convidando as turmas a confeccionar as suas próprias Petecas, as personalizando com giz de cera, lápis de cor e canetas coloridas. A atividade gerou trocas interessantes durante a oficina, proporcionando às crianças uma aprendizagem lúdica referente às contribuições dos povos indígenas à cultura brasileira.

¹ Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) - Núcleo Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da mesma universidade – UFRGS. E-mail: anahelenaraminelli@gmail.com

² Profa. Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Coordenadora do PIBID Pedagogia, núcleos 1 e 2.

³ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

⁴ O povo indígena da etnia Xokleng - também autodenominado “Laklãnõ”, que significa “gente do sol” ou “gente ligeira” - reside na região sul do Brasil. Atualmente, a Terra Indígena Laklãnõ está localizada no Alto Vale do Itajaí, mas historicamente o território tradicional deste povo estendia-se nas florestas entre o litoral e o planalto. Fonte: <https://licenciaturaindigena.paginas.ufsc.br/files/2015/04/Jair-Crendo.pdf>

A atividade aqui relatada ocorreu no dia 19 de abril, dia escolhido para lembrar da diversidade étnica e cultural dos povos indígenas, de suas lutas e de sua resistência. Por tal, foi escolhido trazer como um dos temas da oficina a mudança do nome do "Dia do Índio" para "Dia dos Povos Originários", também buscando mediar a conversa para o tema originário, ancestralidade e heranças culturais, principalmente àquelas que herdamos dos povos indígenas. Durante a conversa com uma das turmas, houve diversos diálogos e suposições dos alunos para a mudança do nome da data comemorativa, dentre elas a exclamação: "Ah, porque os índios estão chatos!", seguida da correção de outro aluno: "Não são 'índios', e sim, 'indígenas!'", dita com convicção. No momento, senti a necessidade de mediar a conversa seguida da explicação que a mudança do nome foi uma reivindicação dos indígenas, pensando em seus direitos, nas pluralidades de povos, etnias, línguas e culturas, ou seja, "povos originários" porque são mais de um povo e os primeiros povos do Brasil, antes mesmo dele receber esse nome. A conversa desencadeou comentários das crianças, tais como: "Ah, eu sou descendente de índio!", "Minha avó é italiana", entre outros.

Quando conversamos sobre herança cultural, vários alunos falaram do chimarrão, do churrasco e do uso de alguns chás medicinais. Com isso, anunciei que existia um jogo que herdamos dos indígenas chamado pelo povo da etnia *Xokleng* de *Kaving* e indaguei se eles sabiam qual era. Após resposta negativa, escrevi no quadro a palavra "peteca" e, ao serem convidadas a construir suas próprias petecas, as turmas ficaram muito animadas.

Para a montagem do brinquedo, os alunos tiveram que colorir frente e verso de uma folha de ofício e amassar em formato de semicírculo duas folhas de papel comum com mais três folhas de papel toalha. Em seguida, enquanto eu segurava a bola de papel os alunos a encobriram com a folha que personalizaram, amassando de forma que se pudesse amarrar um fio de lã.

Ao serem convidados a colorirem o papel, foi disponibilizado giz de cera, pois esse material permite que se possa colorir toda a folha em menos tempo, além de possibilitar misturas de cores. Foi interessante observar que uma das turmas os alunos preferiram utilizar lápis de cor e caneta hidrocor colorida, criando estampas diversas e criativas. Já a outra turma teve interesse no giz de cera, misturando cores e tonalidades. Percebi que em várias mesas, os alunos compartilhando o material entre si com forte senso de coletividade.

Com a intenção de exemplificar e possibilitar uma visualização prévia de como ficaria o brinquedo pronto, eu confeccionei uma peteca e levei para a observação dos alunos. Entretanto, essa peteca conquistou uma função melhor: proporcionou a participação de uma

aluna autista não verbal na oficina, pois ela adorou o brinquedo, apesar de não se interessar em criar o seu próprio.

Minhas experiências com tais atividades no âmbito de iniciação à docência me fizeram refletir sobre diversas questões, principalmente no fato de como as crianças são plurais e únicas, entretanto os perfis de turmas variam de acordo com a prática docente do professor, o que observei com as turmas trabalhadas. Numa das turmas, a professora titular estimula a criatividade, buscando sempre atividades mais diversificadas e fora do convencional, refletindo no interesse artístico dos alunos em se aventurar em criar estampas ao mesmo tempo que optaram pelo uso de materiais escolares aos quais já estavam mais habituados. Na outra turma, notei um forte estímulo à coletividade e à inclusão, tendo em vista que as crianças são colegas há vários anos, inclusive a menina autista não verbal que sempre foi bem recebida pelas demais crianças da turma. Essa turma me auxiliou a visualizar de forma prática de como as interações sociais entre alunos contribuem para inclusão de crianças atípicas e de como é necessário que os docentes estejam articulados para contribuir com isso.

Confesso que me senti despreparada para proporcionar a inclusão da aluna autista não verbal, mas as outras crianças ao brincarem com ela lhe despertaram o interesse pelo jogo e o fato de eu possuir uma peteca sobrando fez com que ela também pudesse ter a sua própria. Percebi como é importante o docente estar preparado para essas situações, sempre buscando possibilidades para garantir a participação significativa de todos os alunos. Outro ponto que destaque é como os alunos se interessaram por uma atividade diferente em relação ao "Dia dos Povos Originários", tendo em vista a animação em confeccionar o brinquedo e em comentários como: "Que bom que os indígenas nos mostraram esse jogo! É muito legal!". Assim como o compartilhamento do brinquedo no horário final do dia letivo, onde na fila de espera para a saída da escola vários alunos jogaram com a peteca com crianças de outras turmas.

Na minha busca de conhecimentos prévios sobre o jogo *Kaving* e seu significado cultural para o povo *Xokleng*, eu me baseei na pesquisa intitulada *Jogos e Brincadeiras no Contexto da Criança Xokleng/Laklãnõ*, de Átila Mokli Patté (2020), que traz uma rica análise dos jogos e brincadeiras de crianças indígenas, resgatando práticas dos antepassados e relatando os reflexos da colonização no esquecimento dessas práticas.

As brincadeiras auxiliam nos processos de aprendizagem e ao conhecer um brincar de um povo se conhece parte de sua cultura. Os alunos que participaram dessa oficina sobre a Peteca, em especial, conheceram um pouco mais sobre a herança histórica que os povos originários trouxeram como contribuição para a rica cultura brasileira, não esquecendo-se de

suas lutas e reivindicações, percebendo-os como povos plurais, diversos e ativos em nossa sociedade, não só como atuantes do passado, mas também do presente.

Tratar da temática indígena em sala de aula é um assunto importante e presente na Lei nº11.645/08, onde se institui a obrigatoriedade do tema “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, ou seja, é dever de todos os educadores promover uma educação que vise a inclusão dos cidadãos, promovendo a conscientização de diversos temas que se articulem com a realidade, respeitando a pluralidade de povos e culturas:

Neste sentido, a Lei tem favorecido a compreensão de que é preciso construir representações sociais positivas que valorizem as diferentes origens culturais da população brasileira como um valor e, ao mesmo tempo, crie um ambiente escolar que permita a manifestação criativa e transformadora da diversidade como forma de superar situações de preconceito e discriminações étnico-raciais (Parecer CNE/CEB nº 14/2015, pág.2).

Para concluir, acredito que as trocas que aconteceram durante a oficina proporcionaram ricas experiências. Promover atividades que garantam a inclusão e refletem sobre a ancestralidade e herança cultural agregam na formação de uma identidade brasileira, onde se reconheça a participação de diferentes povos para sua construção. Refletir sobre a prática docente é uma atitude quase que constante: ser professor exige uma análise de suas práticas no dia a dia da sala de aula, para sempre aprimorá-las pensando na qualidade da aprendizagem e na participação significativa dos alunos.

Palavras-chave: Herança cultural, Povos Originários, Ancestralidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Parecer CNE/CEB nº 14/2015, - **Diretrizes Operacionais para a implementação da história e das culturas dos povos indígenas na Educação Básica, em decorrência da Lei nº 11.645/2008.** Brasília: MEC, 2015. Brasil.

CRENDO, Jair Choguin. O espaço tradicional Xokleng/Laklãnõ. **Trabalho de Conclusão de Curso.** Universidade Federal de Santa Catarina. – UFSC. Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFH, Departamento de História. Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica - Terminalidade Humanidades. Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://licenciaturaindigena.paginas.ufsc.br/files/2015/04/Jair-Crendo.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2023.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Ministério da Educação/Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES. Portaria nº 83, de 27 de abril de 2022. Edição: 79, Seção 1, Página: 45. **PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)**. Edital 2022.

PATTÉ, Átila Mokli. **Jogos e brincadeiras no contexto da criança Xokleng/Laklãnõ**. 2020. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br:8080/handle/123456789/204692>> Acesso: 22 ago. 2023